

## I

Depois de a caixeira lhe ter dado o troco da sua moeda de cem soldos, Georges Duroy saiu do restaurante.

De boa figura que era, por natureza e atitude de ex-oficial subalterno, endireitou a cintura, compôs o bigode com um gesto militar e familiar, e lançou sobre os retardatários comensais do jantar um olhar rápido e circular, um desses olhares de rapaz bem-parecido, que se alargam como uma rede lançada à água.

As mulheres tinham levantado a cabeça olhando para ele, três jovens operárias, uma professora de música de meia-idade, mal penteada, desmazelada, enfeitada com um chapéu sempre manchado de pó e enfiada num vestido que lhe caía mal, e duas burguesas na companhia dos seus maridos, freguesas daquela casa de pasto a preço fixo.

No passeio, ficou por um instante imóvel, perguntando-se o que faria a seguir. Era o dia 28 de Junho, e restavam-lhe no bolso três francos e quarenta até ao fim do mês. O que correspondia a dois jantares sem almoços, ou dois almoços sem jantares, à sua escolha. Considerou que as refeições da manhã custavam vinte e dois soldos, em vez dos trinta das do fim da tarde, e que lhe restaria, se se contentasse com os almoços, um franco e vinte cêntimos suplementares, o que representava ainda duas refeições de pão e salsichão, mais duas cervejas no bulevar. Eram estes a grande despesa e o grande prazer das suas noites; e começou a descer a Rue Notre-Dame-de-Lorette.

Movia-se como no tempo em que usava o uniforme dos hussardos, com o peito para fora, as pernas ligeiramente entreabertas como se acabasse de apeiar-se do cavalo; e avançava brutalmente pela rua cheia de gente, atropelando ombros, empurrando quem passava para não se desviar do seu caminho. Inclínava ligeiramente sobre uma orelha o

seu chapéu alto bastante usado, e batia com o calcanhar na calçada. Tinha o ar de estar sempre a desafiar alguém, os transeuntes, as casas, a cidade inteira, afectando a pose de um garboso militar que se adapta mal à vida civil.

Apesar de vestir um fato completo que não valia mais de sessenta francos, mantinha uma certa elegância ostensiva, um tanto vulgar, mas real. Alto, bem-feito, louro, de um louro acastanhado vagamente ruço, com um bigode revirado, que parecia espumar-lhe do lábio, olhos azuis, claros, fendidos por uma pupila mínima, cabelos naturalmente anelados, divididos por uma risca ao meio do crânio, parecia de facto o personagem mau dos romances populares.

Estava uma dessas noites de Verão em que falta o ar em Paris. A cidade, quente como uma estufa, parecia transpirar na noite sufocante. Os esgotos sopravam pelas suas bocas de granito os seus hálitos empestados, e as cozinhas subterrâneas soltavam na rua, pelas janelas baixas, os miasmas repugnantes das águas de lavar a louça e dos molhos pouco frescos.

Os porteiros, em mangas de camisa, a cavalo em cadeiras de palha, fumavam cachimbo às portas de serviço, e os transeuntes moviam-se com um passo acabrunhado, a fronte nua, o chapéu na mão.

Quando chegou ao bulevar, Georges Duroy parou de novo, indeciso quanto ao que iria fazer. Tinha agora vontade de continuar até aos Champs-Élysées e à Avenue du Bois-de-Boulogne para apanhar um pouco de ar fresco sob as copas das árvores; mas trabalhava-o também um desejo, o de um encontro amoroso.

Como lhe apareceria ela? Ignorava-o completamente, mas esperava-a havia três meses, todos os dias, todas as noites. Por vezes, entretanto, graças à sua bela presença e às suas maneiras galantes, ia roubando, aqui e ali, um pouco de amor, mas continuava a esperar mais e melhor.

Com os bolsos vazios e o sangue a ferver, inflamava-se ao contacto das que rondam nas esquinas, murmurando: «Quer vir comigo, bonito rapaz?», mas não se atrevia a segui-las, pois não podia pagar-lhes; e esperava também outra coisa, outros beijos menos vulgares.

Todavia, gostava dos lugares onde as mulheres públicas pululam, os seus bailes, os seus cafés, as suas ruas; gostava de se encontrar no meio delas, de lhes falar, de as tratar por tu, farejar os seus perfumes violentos, senti-las perto de si. Sempre eram mulheres, mulheres de amor. E ele não as desprezava com esse desprezo inato dos homens com família.

Virou na direcção da Madeleine e seguiu a onda da turba que se deslocava vergada pelo calor. Os grandes cafés, cheios de gente, transbordavam sobre os passeios, exibindo à luz brilhante e crua das suas fachadas de vidro iluminadas o seu público de bebedores. Diante destes, em cima de pequenas mesas quadradas ou redondas, os copos continham líquidos vermelhos, amarelos, verdes, acastanhados, de todos os matizes; e no interior dos jarros viam-se cintilar os grandes cilindros transparentes de gelo que arrefeciam a bela água clara.

Duroy afrouxara o passo, e a vontade de beber ressequia-lhe a garganta.

Apossava-se dele uma sede quente, uma sede de Verão, que o fazia pensar na sensação deliciosa das bebidas frescas inundando a boca. Mas, ainda que não bebesse mais do que duas cervejas nessa noite, teria de dizer adeus à magra ceia do dia seguinte, e ele conhecia já de sobra as horas esfaimadas do fim do mês.

Disse de si para si: «Vou ter de aguentar até às dez horas e tomo então a minha cerveja no Américain. Mas raios me partam se não estou a rebentar de sede!» E olhava para todos aqueles homens sentados a uma mesa e que bebiam, todos aqueles homens que podiam matar a sede a seu bel-prazer. Seguia o seu caminho, passando diante dos cafés com um ar decidido e enérgico, e avaliava de relance, pelo aspecto, pelo vestir, o dinheiro que cada consumidor teria no bolso. E invadia-o uma espécie de cólera contra aqueles seres sentados e tranquilos. Quem lhes revolvesse os bolsos encontraria ouro, moedas prateadas e de soldo. Em média, cada um deles teria consigo pelo menos uns dois luíses: ora, como eram à vontade uma centena no café, cem vezes dois luíses são quatro mil francos! «Os porcos!», murmurava ele, sem deixar de se menear com elegância. Se pudesse apanhar um deles à esquina de uma rua, ao abrigo da sombra suficientemente escura, palavra que lhe torceria o pescoço, sem escrúpulos, como fazia às aves de criação dos camponeses, nos dias de grandes manobras.

E recordava os seus dois anos de África, a maneira como tributava os árabes nos pequenos postos do Sul. E um sorriso alegre e divertido aflorou-lhe aos lábios à lembrança de uma expedição que custara a vida a três homens da tribo dos Ouled-Alane e que lhes valera, aos seus companheiros e a ele, vinte galinhas, duas ovelhas, ouro, e motivo de riso para seis meses.

Os culpados nunca tinham sido descobertos, nem de resto se procurara seriamente fazê-lo, pois de certo modo se considerava o árabe como a presa natural do soldado.

Em Paris era diferente. Não se podia pilhar amenamente, sabre à cinta e revólver em punho, longe da justiça civil, em liberdade, experimentando no coração todos os instintos do subalterno à solta num país conquistado. Tinha saudades, sem dúvida, dos seus dois anos de deserto. Era uma pena não ter podido ficar por lá! Mas a verdade é que esperara coisa melhor do regresso. E agora!... Ah, agora era o bom e o bonito, estava-se a ver!

Passeava a língua pela boca, com um leve estalido, como se quisesse comprovar a secura do palato.

A turba deslizava à sua volta, extenuada e lenta, e ele não parava de pensar: «Choldra de patifes! Todos com o bolso do colete cheio de moedas, os imbecis.» Empurrava com o ombro os que se cruzavam com ele, e assobiava árias joviais. Alguns cavalheiros atropelados olhavam para trás e resmungavam; ouvia vozes de mulher que exclamavam: «Mas que animal!»

Passou diante do Vaudeville, e parou em frente do Café Américain, perguntando-se se não era o momento de beber a sua cerveja, atormentado que estava de sede. Antes de se decidir, viu as horas nos relógios luminosos, no meio da calçada. Eram nove e um quarto. Conhecia-se bem: assim que tivesse à sua frente o copo cheio de cerveja, bebê-lo-ia de um trago. Mas que faria a seguir, até às onze horas?

Continuou a andar. «Vou até à Madeleine», disse para consigo, «e volto depois aqui, sem me apressar.»

Ao chegar à esquina da Place de l'Opéra, cruzou-se com um homem novo e gordo, cuja cara se lembrava vagamente de ter visto em qualquer lado.

Pôs-se a segui-lo, revolvendo as suas recordações, e repetindo a meia-voz: «De onde diabo conheço eu este sujeito?»

Dava voltas à cabeça, sem conseguir lembrar-se; depois, de repente, por um singular fenómeno de memória, viu o mesmo homem menos gordo, mais novo, vestido com um uniforme de hussardo. Exclamou em voz alta: — Olha, é o Forestier! — e, alongando o passo, aproximou-se e bateu no ombro do viandante. O outro virou-se, olhou para ele, a seguir disse:

— O que é que quer de mim, senhor? — Duroy pôs-se a rir:

— Não me estás a conhecer?

— Não.

— Georges Duroy do sexto de hussardos.

Forestier estendeu-lhe as duas mãos: — Ah, meu velho! Como é que tu estás?

— Muito bem e tu?

— Oh, eu? Não muito bem; imagina tu que agora tenho um peito feito de cartão; passo os doze meses do ano a tossir, por causa de uma bronquite que apanhei em Bougival, no ano em que regresssei a Paris, vão fazer agora quatro.

— Não me digas! Mas pareces cheio de saúde.

E Forestier, dando o braço ao seu companheiro, falou-lhe da sua doença, descreveu-lhe as consultas, as opiniões e os conselhos dos médicos, a dificuldade de cumprir as suas recomendações na sua situação. Mandavam-no passar o Inverno no Midi; mas como podia ele fazê-lo? Estava casado e era jornalista, tinha uma boa situação.

— Dirijo a política do *La Vie Française*. Faço o Senado no *Salut*, e, de vez em quando, crónicas literárias para o *La Planète*. Aí tens, fui abrindo caminho.

Duroy, surpreendido, observava-o. Mudara muito, amadurecera muito. Tinha agora uma aparência, uma atitude, uma maneira de vestir de homem assente, seguro de si, e um ventre de homem que janta bem. Outrora, era magro, esguio e flexível, estouvado, estoura-vergas, ruidoso e não parava quieto. Em três anos, Paris fizera-o uma pessoa completamente diferente, um homem gordo e sério, com alguns cabelos brancos nas têmporas, embora não tivesse mais do que vinte e sete anos.

Forestier perguntou: — Para onde é que vais?

Duroy respondeu: — Para parte nenhuma, estou a dar um giro antes de ir para casa.

— Muito bem, mas não queres fazer-me companhia até ao *La Vie Française*, onde tenho de ir corrigir umas provas? Depois vamos tomar uma cerveja juntos.

— Acompanho-te.

E puseram-se a caminho, dando-se o braço, com essa familiaridade fácil que subsiste entre companheiros de escola e camaradas de regimento.

— O que é que estás a fazer em Paris? — perguntou Forestier.

Duroy encolheu os ombros:

— Rebento de fome, e é só. Quando acabei o meu tempo de serviço, quis vir para cá para... fazer fortuna ou, sobretudo, para viver em